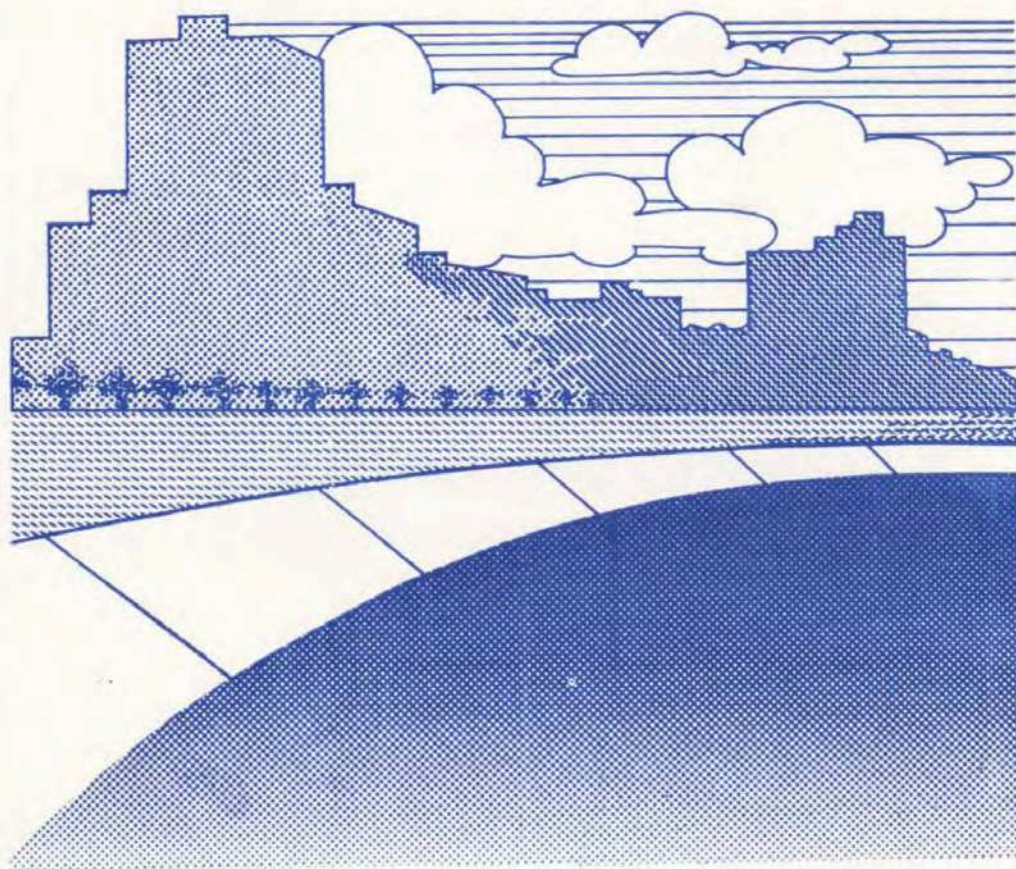


# BLUMENAU

*em cadernos*



TOMO XXVI |

Janeiro de 1985

| Nº 1

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

### COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

EUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JCALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Janeiro de 1985

Nº 1

## SUMÁRIO

Página

A Força de Trabalho na Região . . . . .	1
ESPELHOS DA ALMA: o resgate da bondade solidária . . . . .	4
A História de Blumenau Revela: . . . . .	6
A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes . . . . .	12
Autores Catarinenses . . . . .	21
Aconteceu... Dezembro de 1984 . . . . .	23
Subsídios à Crônica de Blumenau . . . . .	26
Cornissão de Construção esteve reunida . . . . .	28

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# A Força de Trabalho na Região

Aloisius Carlos Lauth

Fala-se hoje na vocação turística da cidade de Blumenau, como forma de garantir a continuidade do processo de desenvolvimento econômico. Esta vocação é a histórica força de trabalho que teve origem no caráter empreendedor do imigrante. A pujança das indústrias revela o pader de trabalho desta gente. O comércio local, igualmente, demonstra a capacidade de produzir. Na verdade, o turismo que se quer realizar no Vale do Itajaí-açu não é fruto de uma política de preservação das características arquitetônicas, ou das catástrofes e a vontade de soerguer a cidade, senão daquilo que o comércio oferece ao turista: malhas de todos os tipos e qualidade, confecções em geral, felpudos, toalhas, bons cristais e brinquedos.

Não nos iludamos. Os que nos visitam, vêm para comprar. Mais que conhecer um "burgo", à moda alemã, nós temos a oferecer. A história de Blumenau é uma história econômica. O maior mistério está na capacidade de sua mão-de-obra. E merece uma atenção constante dos escritores desta revista.

Nos propomos, agora, a analisar alguns aspectos da força de trabalho do blumenauense. Observe o quadro em anexo.

## OBSERVAÇÕES:

### 1 — Pólo de atração da mão-de-obra

A cidade se apresenta como pólo de atração de toda mão-de-obra disponível na região, como se observa no quadro. Somente o setor secundário, a indústria de transformação, absorve o dobro dos recursos da região. Na verdade, o quadro transparece um cinturão de pequenas e médias empresas que, certamente, convivem com a atividade agropastoril. Calcula-se que, em um raio de 30 Km em torno de Blumenau, existem 600 empresas. Este fato é significativo se compararmos com épocas anteriores. Assim, conta-se, emigravam de Brusque nos anos 50 muitos agricultores para o Norte do Paraná. A atração da terra produtiva, em contraste com os vales escarpados do Cedro acima, se fazia sentir. Além disso, as últimas greves operárias, de 1948 e 1952, demonstravam a ociosidade da mão-de-obra no lugar. Esta ociosidade está ligada a emigração de leva significativa de pequenos agricultores da região de Nova Trento, São João Batista, Canelinha e Tijucas que foram muito atingidos pela Malária.

#### **MAJU**

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

Nos anos 60, Brusque desenvolveu a atividade nos teares manuais, absorvendo parte desta força de trabalho. A outra parte vinha a Blumenau ou ia a São Bento e Jaraguá do Sul. Eram lugares que necessitavam de mão-de-obra operacional e que o brusquense muito bem se adaptava. Por isso, vemos hoje muitos "hunsrűch" nas indústrias de Blumenau. Mais recentemente, um fato curioso, com a falência de algumas empresas, muitos brusquenses vêm a Pomerode, descendo de São Bento e Jaraguá.

Talvez se pudesse estabelecer que, a ocupação da mão-de-obra desta região está ligada 10% na agricultura, 50% na indústria, 25% no comércio e 15% na prestação de serviços. Um dos fatores significativos para o desenvolvimento rural da região de Blumenau foi o cultivo do fumo. As empresas fumageiras investem no mais longínquo sertão, orientando o plantador, financiando sua safra, assistindo na plantação e colheita, e garantindo um preço pela produção. Assim, por exemplo, Rio do Sul e arredores deve produzir em torno de 10 milhões de quilo de fumo em folha. O fumo é fator de emprego no interior.

Outro fator nos chama atenção: é a relação estabelecimentos/empregados. A diferença entre Blumenau e os municípios vizinhos é pequena comparada unicamente com n.º de estabelecimentos. Talvez revele número significativo de pequenas empresas, tomando-se por base que somente 13 delas contam com mais de 500 empregados. Já as demais, empregam n.º. elevado de empregado, em relação ao n.º de estabelecimentos que é baixo. Garantem, assim, uma média de 30 empregados por estabelecimentos.

ANALISE DO N.º DE EMPRESAS CONTRIBUINTES DO IAPAS,  
POR MUNICÍPIO, NA GRANDE BLUMENAU, EM 1981

N.º.	Município	N.º de estabelecimentos	N.º de empregados	% do Total	Relação estab/empregados
1.	Blumenau	816	39.746	65.93	48.71
2.	Timbó	163	4.973	8.25	30.51
3.	Indaial	132	4.465	7.41	33.83
4.	Gaspar	129	4.164	6.91	32.28
5.	Pomerode	95	2.885	4.79	30.37
6.	Rodeio	42	1.827	3.03	43.50
7.	Benedito Novo	75	1.216	2.02	16.21
8.	Ascurra	32	555	0.91	17.34
9.	Rio dos Cedros	47	454	0.75	09.66
	TOTAIS	1.531	60.285	100%	39.38

FONTE GR-IAPAS, MARÇO 1981

## ESPELHOS DA ALMA:

### o resgate da bondade solidária

Perplexos ante os rumos tragicamente desilusórios palmilhados pela humanidade desencaminhada de nossos tempos, indagamo-nos constantemente sobre a condição existencial, sobre a paradoxal racionalidade do "homo sapiens", sobre o sentido da interação humana. Que é o homem e em que reside sua condição superior? Qual o conceito de realização pessoal e de felicidade que norteia seu procedimento? Quais os ideais e os valores que animam a conduta desse animal inteligente e autodeterminante?

Sem dúvida, os atos concretos não mais justificam a excelência do conceito filosófico do "ser" racional, inteligente, livre, sensível, solidário, que é o homem. E questionamos a nossa inserção nesse universo. E nos angustiamos ante a parcela com que nos cabe contribuir para manter ou redimensionar o sentido social da nossa existência.

A literatura, por exemplo, se confina aos limites do imaginário e do prazer desinteressado, ou comporta missão de alcance

humano e social? Se houve tempo em que o autor se esmerava em construir ilusórios e fantásticos reinos para evasão onírica dos seus leitores, a própria drasticidade do contexto existencial hodierno repele tais artificios alienatórios. Escritores e leitores buscam hoje, no universo literário, subsídios de ação conscientizadora e transformadora da vida, do homem e do meio em que estão inseridos. A crescente angústia, agressividade e insegurança do estar-no-mundo exige correspondente lucidez e prevenção.

José Gonçalves, com sua última obra — ESPELHOS DA ALMA — (Blumenau, Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1984), atinge agudamente essa função social da literatura. Tanto nas suas três narrativas anteriores, profundamente enraizadas em enquadramento histórico, como nessa novela mais diretamente ficcional, Gonçalves cria uma literatura essencialmente humanista. Acima dos mirabolantes efeitos estruturais, acima das sofisticadas técnicas narrativas, interessa-lhe o ser humano focalizado, representando a cosmovisão que busca transmitir.

Se o estilo é o homem — e até a psicanálise atesta aspectos da validade dessa asserção — a criação literária gonçalviana incorpora duplamente o humano. Certamente há os que taxam de moralista a literatura que transfunde envolvente mensagem que sensibiliza e faz reagir o leitor. Mas

**E. A. V. CATARINENSE** Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

são os mesmos que taxam de alienante o texto que encobre de lirismo as agruras do real concreto. Na literatura, o lirismo tem seu lugar, a denúncia deve ter sua função, mas importante é que marque presença também o otimismo construtivo.

José Gonçalves, ao deixar indeléveis as marcas da personalidade real no autor implícito (o estilo é o homem), centraliza sua literatura no homem e no procedimento deste. Consequentemente, a obra literária que cria não pode resultar neutra, registro objetivo de eventuais virtualidades. Não existe objetividade integral naquilo que passa pelo crivo da subjetividade criadora. José Gonçalves assume conscientemente o fato de oferecer na criação literária sua interpretação do mundo e da vida. Alma sensível e altruística, ser social solidário, inveterado filantropo que crê ainda na bondade natural do ser humano, apesar das inúmeras provas em contrário, Gonçalves orienta sua literatura dentro de uma visão construtiva do homem e da sociedade, comprovando que, felizmente, ainda existe em nós uma parcela de ânsia por recuperar a convivência edênica, ao contrário da propalada antropofagia do homem-lobo-do-homem.

Ao focalizar a heróica trajetória desse jovem que é Pedro Luiz, alma incólume não conspurcada pelo vírus do egoísmo degradante, o autor não deixa de salientar que o mal existe e que grassa mesmo violentamente em nossa sociedade tão desvirtuada de valores; mas ao mesmo tempo faz avultar o bem que ainda existe nas pessoas. Numa perspectiva

realista, mas ao mesmo tempo otimista, evidencia que ainda existem bons sentimentos e solidariedade humana. Existe ainda quem tem bom coração. Há ainda quem busca o bem comum. Cultiva-se ainda amor verdadeiro e amizades integras podem ainda ter vez em nosso mundo. Assim, ESPELHOS DA ALMA é obra brotada de um espírito sadio, de uma incontida ânsia filantrópica, de uma crença esperançosa na própria condição humana.

ESPELHOS DA ALMA estrutura-se na esteira da novela. Se há um único herói central — e lidimo herói, não o anti-herói degradado, que se tornou praticamente exigência da narrativa moderna — a ligação de Pedro Luiz à pensão de Ingelore estabelece inúmeros laços com outras personagens, cujos lances de vida correm paralelos, entrecruzando-se por vezes, para conduzir a um entrelaçamento final possível de gerar outros tantos desenvolvimentos. E se há momentos em que os lances até melodramáticos se intensificam na esteira da violência, certamente isso ainda é realismo e não projeta o inverossímil, porque criação artística é condensação, é depuração das aderências inúteis e destituídas de significação, para ressaltar necessariamente os momentos fortes, o confronto dramático do herói com os vilões.

Acabo de ler ESPELHOS DA ALMA com a própria alma menos angustiada diante da condição humana. Nostalgicamente todos nós buscamos aquele cosmos humano-social tão sadia e positivamente construído na pensão de Ingelore. A convivência

pura, a amizade construtiva, a preocupação mútua pelo bem comum, ao estilo de Ingelore, revolucionariam radicalmente esse irracional mundo beligerante que, com centésimos de seus gastos armamentistas, exterminaria a fome e a miséria de bilhões de seres humanos irmãos. Leia-se ESPELHOS DA ALMA como efi-

caz antidoto à nefasta vilania que discrimina o sofrido ser humano, pelo tributo que este paga à sua condição decaída. José Gonçalves aponta o outro caminho: da redenção e do resgate. A literatura tem sua função no mundo a (re)construir!

Lauro Junkes

---

## A História de Blumenau Revela:

---

**Carta do Dr. Blumenau para o Presidente da Província Conselheiro Vicente Pires da Motta, informando recebimento da remessa de machados, foices, etc. Responde ainda sobre cadáver de uma mulher enterrado em cemitério evangélico e não no católico. Informa também sobre o pedido de aquisição de terras por parte do Sr. C. W. E. Schadrack — Como funcionava o Registro Civil da Colônia.**

"Tenho a honra de acusar recebidos os ofícios de V. Ex<sup>a</sup>. de 30 de Maio, que me avisa da remessa de machados, foices, etc; que já chegaram; da mesma data, que me autoriza, para levar em conta e despender o saldo, que tenho em caixa, de Rs 2:377\$000, e fazer as indispensáveis despesas na forma, como à V. Ex<sup>a</sup>. foi por mim proposta; de 2 do presente mês, em que V. Ex<sup>a</sup>. me pede informações sobre o enterro do cadáver de uma mulher católica no cemitério protestante desta colônia; e enfim a representação de C. W. E. Schadrack, que dirigiu à V. Ex<sup>a</sup>. junto com cinco requerimentos, que se referem a compra de terras no território desta colônia.

Devendo neste momento expedir a correspondência para a vila e o correio, resta-me apenas o tempo, para apresentar à V. Ex<sup>a</sup>. os meus agradecimentos tão respeitosa, quão vivos e cordiais pela autorização, que V. Ex<sup>a</sup>. se dignou, conceder-me, e que me arrancou de uma penosa situação e padecimentos em face de muitos pobres colonos, e dizer poucas palavras sobre os outros assuntos, reservando o mais para quando nos últimos dias do presente mês ou nos primeiros do seguinte, terei a honra de me apresentar em pessoa à V. Ex<sup>a</sup>..

Quanto ao enterro supracitado, espero evidenciar à V. Ex<sup>a</sup>..

<b>LOJAS HERING S.A.</b> Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.
--



que se havia falta de caridade e providência, não foi ela de mim ou do pastor desta colônia e sim do vigário, que se queixou, asseverando desde já à V. Ex<sup>a</sup>, que o erro ou abuso, se realmente o acontecimento havido assim pode ser qualificado, não se há de repetir.

Para refutar cabalmente à representação de Schadrach eu deveria entrar no desenvolvimento dos princípios da colonização em geral e escrever uma memória. As suas aleivações e malignas insinuações e setas envenenadas são incapazes de me alcançarem e ferirem e hão de refletir no próprio autor, que, para merecer crédito e confiança, não devia ter mentido com tão insolente descaramento, como, do contrário de suas asserções em grande parte, realmente mentiu na representação citada. E se V. Ex<sup>a</sup>, assim me permitir, pelo que me havia explicar, muito obrigado à V. Ex<sup>a</sup>, de desmascarar e confundí-lo na própria presença de V. Ex<sup>a</sup>.

“Vender à cada um especulante quantas terras ele quiser no lugar por ele escolhido”. Sim, é esta a senha de todos os land-sharas ou tubarões de terras, como os chamam os americanos! Que alguns especulantes escolham e adquiram a vil preço as melhores terras, contando que tenham dinheiro, pouco importa; o Estado é que pagará as custas, e os colonos e emigrados pobres, que vão mais longe ao pagar aos especulantes 500 ou mil por cento de lucro, quando se quiserem estabelecer!

Para porém tirar a malevolência, qualquer pretexto de queixa, terei a honra de propor à V. Ex<sup>a</sup>, um expediente, que não deixará de satisfazer à todas as exigências razoáveis, sem contudo deixar o campo inteiramente livre à perniciosas especulações e sem destruir o plano geral desta colônia, até hoje seguido pelo Governo Imperial, nem tornar illusório e aniquilar o regulamento estabelecido pelo mesmo, que se estende de direito também sobre as terras em questão. Se pois importa tanto aos suplicantes, comprar na indicada localidade, porém ser satisfeitos conforme o regulamento e deverão comprá-las à Direção desta colônia, com a diferença porém, de que todas as localidades, situadas fora do plano geral, deverão pagar tudo à vista e se comprometer à estabelecer caminhos e as pequenas pontes regulares, às suas próprias custas e sem reclamarem auxilio ou fundos da Direção ou do Governo, até que a localidade em questão entre no plano geral da colonização. A diferença consiste então em que no raio compreendido no plano geral, as terras podem ser vendidas à crédito e que nestas logo se estabeleçam bons meios de comunicação, estradas, pontes, etc.; ficando subsistindo no resto as mesmas condições e preços, como o regulamento os estabeleceu.

Deus guarde á V. Ex<sup>a</sup>. — Colônia Blumenau  
19 de junho de 1962.

Ilmo. e Exmo. Sr.  
Conselheiro Vicente Pires da Motta.  
DD. Presidente etc, etc, etc.”.

## NOTIFICAÇÃO

### Registro de casamentos, nascimentos e óbitos de pessoas acatólicas, nos devidos livros oficiais.

Depois que o decreto e o regulamento a que se refere o acima mencionado registro entrar em vigor e os respectivos livros chegarem. Convocamos a população evangélica desta colônia e região circunvizinha a dar a máxima atenção a este regulamento. A não observância do mesmo e não registro destes casos, trará infalivelmente infelicidade a muitas famílias e perda de herança, outros benefícios dependerão, igualmente, deste registro, que mais tarde somente poderão obter com grandes despesas, dificuldades e gasto de tempo, levaram a processos dispendiosos. Estão portanto as pessoas e seus parentes, em seu próprio interesse, convocadas a cumprir, o já há tanto tempo almejado decreto e comparecer o quanto antes a cumpri-lo, para assim podermos dar aos nossos companheiros de confissão evangélica neste país, um certa garantia, no que se refere a casamentos e uniões, assim como a seus familiares. O registro dos casamentos será feito na secretaria da direção e é necessário a apresentação da certidão de batismo, assinado pelo respectivo pastor.

Nascimentos e óbitos no entanto, terão que ser registrados com o juiz de paz e ele os registrará no respectivo livro e terá, a pedido, fornecer folhas comprovantes do que foi registrado e **somente estas folhas e estes livros oficiais** tem validade perante um tribunal deste país.

Blumenau, 8 de outubro de 1863.

O Diretor

ass: Dr. H. Blumenau

Decreto nº. 3069 de 17 de abril de 1863, ordena o registro de casamentos, nascimentos e óbitos daquelas pessoas que não se declararam para a religião oficial.

Art. 1 — Os casamentos dos aqui nascidos ou estrangeiros, que recebem uma outra religião a não ser a oficial, quando efetuados fora do país (art. 1 § 1) decreto de 11 de setembro de 1861, não dependem de nenhum registro e são consequentemente consideradas católicas.

Art. 2 — Estes casamentos efetuados fora do país, devem ser considerados assim como o são, católicos, desde que não apresentados documentos de que foram efetuados sob o ritual e cerimônia do respectivo país de origem e estes documentos reconhecidos e assinados pelo cônsul brasileiro no país de origem.

Art. 3 — Casamentos de nascidos aqui ou estrangeiros que

<p><b>HABITASUL</b> E um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.</p>
---

recebem outra religião a não ser a evangélica, são quando efetuados no país de origem, antes da publicação do decreto de 11 de set. de 1861, como usos ou regulamento da referida religião (art. 1 § 2) do mencionado decreto, independentes do registro e das consequências civis considerados casamentos católicos.

Art. 4 — Estes casamentos devem ser considerados como comprovados pelos documentos que os respectivos religiosos ou pastores deram, isto é, se podem comprovar mediante apresentação destes documentos que a cerimônia religiosa ou festa religiosa se efetuou realmente. Nenhum outro comprovante deve ter validade, mesmo que seja apresentado um documento público ou contrato particular de que os contratantes viveram maritalmente.

Art. 5 — Os casamentos de nascidos aqui ou estrangeiros que adotam uma outra religião e não a oficial e casarem no reino, antes da publicação do decreto de 11 de set. de 1861 (art. 1 § 3 do referido decreto), estão reconhecidos católicos e também sujeitos aos reflexos civis dependentes: 1) da cerimônia do respectivo ato religioso, de acordo com o uso ou regulamento das religiões em questão 2) Um comprovante da cerimônia religiosa, fornecida pelo pastor ou religioso em exercício ou pessoa capacitada a fornecer este documento. 3) O documento devidamente registrado no departamento correspondente.

Art. 6 — Quando os casamentos forem contraídos e os devidos documentos registrados no período da publicação do decreto de 11 de set. de 1861 e no espaço de espera concedido, podem ser registrados e terão então validade civil. Se forem registrados após o espaço de espera concedido, será em prejuízo para sua validade civil.

Art. 31 — Independente de qualquer edital, de qualquer repartição, tem os escrivões, secretários ou o diretor, obrigação de tirar os documentos solicitados dos livros sob sua guarda. Nestes documentos, deve repetir textualmente o conteúdo e não somente as datas, assim como escrever como apêndice, qualquer anotação que houver. Assim terão a validade comprovatória como qualquer outro documento oficial. Se acontecer o contrário, perderão qualquer validade.

Art. 32 — Para as cópias solicitadas e o trabalho na procura em livros, os funcionários devem cobrar uma taxa de 400 Réis, por folha e cada folha deve ter 25 linhas e cada linha 35 letras e em terceiro 200 Réis por ano em retrocesso ao ano em que se efetuar o registro. A mesma taxa tem direito a câmara municipal para os boletins extraídos dos livros sob sua guarda.

Art. 35 — Recusam ou retardam os escrivões ou secretários o registro, ou recusam ou retardam a fornecer a um ou outro as notas ou anotações ou o documento em si, podem os assim prejudicados reclamar com o juiz municipal e este tem de ouvir o motivo da recusa ou retardamento e em curto espaço de tempo decidir se a recusa ou retardamento se justifica. Por este trabalho o juiz tem o direito a co-

brança de 20 a 100 mil réis e tem, sob ameaça de castigo, recomendar que dentro de 24 horas este documento seja registrado ou a nota ou notificação entregue ao solicitante.

### Sobre o registro dos casamentos

Art. 35 — O registro de casamento, podem pedir: o casal, os pais dos mesmos, parentes, tutores, padrastos e o cônsul do país de ambas as partes do casal.

Art. 36 — O registro de acatólicos aqui nascidos ou estrangeiros, consiste no registro verbal e confiante sobre a cerimônia religiosa, da pessoa em questão e que foi fornecida pelos pastores ou padre da religião oficial ou de várias religiões aos quais pertencem os solicitantes.

Art. 40 — Os casamentos efetuados após o decreto de 11 de setembro de 1861 porém antes da publicação deste, devem ser registrados na capital e na província do Rio de Janeiro, no espaço de 3 meses e nas outras províncias no espaço de 9 meses, contando a partir do dia da publicação. E os comprovantes dos casamentos efetuados depois da publicação, devem ser registrados no espaço de 1 mês ao término dos 90 dias de prazo. No artigo 6 já foi mencionado que o registro deve ser solicitado pelos interessados para que tenham a usufruir do mesmo, estejam onde estiverem.

Art. 41 — Os casamentos a que se refere o art. 4 § 2, serão para unir um comprovante do registro do mesmo. Outras provas não serão aceitas, a não ser por extravio ou destruição do livro de registro, parcialmente ou todo e no qual se encontrava o referido registro.

### Sobre o Registro de Nascimentos

Art. 43 — O registro de pessoas acatólicas, deve se feito dentro de um prazo de 8 dias a partir da data que a criança nasceu.

Art. 44 — Obrigados a fazer o registro são: 1) o pai, quando o filho é legítimo, não sendo este o caso, a própria mãe ou um parente de uma das partes. 2) a mãe do recém-nascido, sendo filho ilegítimo, o pai que o reconhece como seu ou uma pessoa autorizada a fazer o registro.

Art. 45 — O autorizado escrivão de paz, terá que fazer o registro de nascimento no livro destinado para este fim, e declarar: 1) **Dia — mês — ano — lugar de nascimento** e se for possível também a hora. 2) O sexo do recém-nascido, o nome que tem ou lhe é declarado no ato do registro. 3) O nome do pai, da mãe, residência atual e profissão, quando a criança é legítima. 4) Somente o nome da mãe sua residência atual e profissão, isto é, quando a criança é ilegítima no ato do registro. Se este não for o caso, somente o nome da mãe. 5) Nome, residência atual e profissão da pessoa que declara o nascimento, pois foi responsabilizada para isto. A declaração deve conter estes itens com exatidão e se a mesma não as contém, o escrivão as terá que exigir para registrá-las devidamente.

Art. 47 — O óbito do recém-nascido, mesmo que tenha vivido somente alguns minutos após o parto, não isenta os responsáveis de registrar o mesmo. Isto tudo deve ser igualmente registrado no livro, com todos os pormenores igualmente se o óbito ocorreu antes ou depois do parto.

### Do Registro de Óbitos

Art. 48 — O registro de óbitos de pessoas acatólicas, deverá ser feito também. Sendo que em cidades ou povoados, dentro de 2 dias e fora das cidades e povoados, dentro de 6 dias.

Art. 49 — Obrigados a fazer estas declarações, são: 1) o chefe da família, em cuja casa o óbito ocorreu ou a pessoa que será a herdeira do falecido, isto é a viúva ou o viúvo. 2) a pessoa que assistiu o morto em seus últimos momentos, caso este morasse sozinho ou o vizinho que foi avisado do falecimento da pessoa. 3) o administrador em cujo estabelecimento, por ele administrado, ocorreu a morte, mesmo em estabelecimento pertencente ao Estado ou particulares, basta que o morto tenha vivido nele.

Art. 50 — Para registrar um óbito é necessário fazer as seguintes declarações: 1) Dia, mês e local da morte, também a hora, se possível. 2) Nome, idade, posição, procedência. 3) Nome, residência, procedência e profissão dos pais do falecido, se for possível. 4) Nome do cônjuge, se o falecido era casado. 5) Circunstâncias em que ocorreu o óbito e se deixou testamento ou não. 6) Nome, residência atual e profissão das pessoas que prestaram as declarações”.

---

## Cumprimentos de Natal e Ano Novo

É com a maior satisfação que registramos e agradecemos o recebimento de cartões de boas festas e feliz ano novo de tantos amigos que em todas as ocasiões têm prestigiado esta instituição, seja a própria Fundação “Casa Dr. Blumenau”, o Conselho Curador ou a Direção Executiva. Por isso, apressamo-nos a relacionar, com imensa gratidão, as manifestações de apreço e cumprimentos recebidos de — Dalto dos Reis, prefeito Municipal; Hans Prayon, Cônsul Honorário da RFA; Renato de Mello Vianna, deputado federal; Álvaro Correia, deputado estadual; Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau, Empresa Auto Viação Catarinense S/A.; Eng<sup>o</sup>. Oscar Paulo Baier, vice-prefeito de Blumenau; Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart; Habitusul, Caderneta de Poupança; Lindner Herwig Shimizu, Arquitetos; Ivan Mutter & Cia. Ltda.; São Paulo; Harry Wiese, poeta e professor; Jair Girardi, deputado estadual; Museu do Piauí; Direção e funcionários do Museu de Arqueologia e Artes Populares da Universidade Federal do Paraná; Cia. T. Janér; Casinha do Pirlampo — Creche e Material Ltda; Gráfica 43 S/A; Xerox Brasil S/A.; Oswaldo Hueves Júnior e Família.

# A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

Artigo Extraído do Jornal "A Voz Católica" 01/03/1877

## Assuntos Pátrios — Imigrantes Assaltados por Índios

Uma grande desgraça de que foram vítimas membros de uma família de nossos imigrantes, no Brasil, veio narrada em uma carta remetida por uma amiga. A Carta foi escrita em Blumenau, em 25 de dezembro próximo passado e quem a escreveu foi um italiano de Valsugana. Os fatos nela descritos aconteceram em 14 de outubro p.p. em plena selva onde se encontrava a Colônia em questão.

Por volta de 11 e meia da manhã, uma mãe com um filho e duas filhas se dirigiram para a lavoura na floresta quando subitamente foram atacados por um bando de selvagens índios que urrando (rugindo como leões diz a carta) acertaram com uma flecha a filha mais velha e deram um forte golpe na menina menor. O desespero se apossou da infeliz mulher, que fugiu com o filho (menor) até o barraco onde moravam e onde iria encontrar o pai. Este já alarmado com o barulho e ao ver a esposa correndo com o filhinho no colo e os selvagens em seu encalce tratou de armar-se. Mas ele não via as duas filhas. Com coragem e desespero pegou um facão e uma espingarda que tinha no barraco e saiu. Os selvagens quando o viram deram meia volta e tornaram a embrenhar-se na mata. Ele foi em perseguição mas eis que a cem passos mais adiante encon-

trou as duas filhas caídas por terra. A mais velha coitada estava morta e a menor desfalecida mas parecia respirar ainda. O pobre aproximou-se desta última que parecia agonizante e transportou-a para o barraco, onde se encontrava a esposa e filho.

Instantes depois os selvagens tornaram a atacar e este era dirigido agora ao barraco. Um grupo de cinco ou seis (quantos foram ao todo não consta na carta) começaram a atirar flexas contra a cabana. O pobre pai de família estava sozinho a se defender contra tantos, recarregou a espingarda e atirou, mas o cerco dos índios assaltantes estava fechado. Ele já sentia que estava ficando cansado e também começou a faltar-lhe a munição. Assim se viu obrigado a abandonar sua posição e fugir, procurou pôr a mãe o filho e a criança a salvo. Ainda não tinha dado 700 passos quando encontrou um curúdo que lhe deu seu fuzil e assim reforçados retornou ao ataque, tendo munição no fuzil começou a atirar em direção ao barraco. Mas a vizinhando-se a ele, ouviu gritaria e berreiro numa grande confusão, eram os índios invasores que apoderaram-se da cabana. Com uma nova descarga conseguiu espantá-los e acabaram fugindo em disparada. Chegaram neste momento alguns outros colonos em seu auxílio (Entre eles

um de Ospedalato). Quando entraram na cabana encontraram tudo espalhado pelo chão e muitas coisas destruídas, coisas que os senhores índios não conheciam e não sabiam aproveitar deixaram em compensação três arcos e grande quantidade de fechas.

O desolado pai se pôs a recolher sua filha morta e a sepultar com suas próprias mãos. A filha menor deve recuperar-se qualquer dia destes, pois foi posta fora de perigo. O coitado esperava em obter do Governo ao menos

uma indenização. Mas quando foi ao posto da colônia e relatou na ocasião o contecido naquela cabana, na qual não podia mais ficar, destruída como foi, vivia em constante sobressalto. No entanto nada foi prometido por parte da direção da colônia. Para concluir a triste narrativa a carta termina recomendando orações para os mortos que moram aqui. E frisando que neste lugar não há comodidade como lá nós estávamos vivendo. A esta já bastante longa exposição dos fatos não juntamos nenhum comentário.

## IL RACCOGLIATORE (O INFORMATIVO)

Artigo publicado em 05/01/1878

### EMIGRAÇÃO:

Por sentimentos de mútuo interesse pátrio, devo chegar direito ao conteúdo da carta de 31 de dezembro do ano passado, referente a última carta escrita por uma estimada pessoa de nosso conhecimento de uma frequência vizinha a nossa.

Colônia Blumenau, Brasil, 21 de novembro de 1877.

Senhor....N....N....

Diversas cartas chegaram em minhas mãos de Trentine, expressando o desejo que eu me interessasse junto ao Governo Imperial pois os moradores deste condado mostraram o desejo de emigrar para esta Colônia, mas por falta de recursos financeiros não podem levar avante este intento e perguntam se podem obter o necessário subsídio do consulado geral Brasileiro em Hamburgo. Pedem que este último

lhes conceda o dinheiro necessário para o empreendimento. Referente a este pedido escrevi ao Cônsul Geral de Hamburgo.

No entanto eu me reservo de entrar em detalhes sobre o conteúdo desta carta. Não deixarei de interceder junto ao Governo Imperial da Colônia Imperial da Colônia. Devo porém informá-lo que minha recomendação não será suficiente e que neste caso não estou seguro que o consulado Geral de Hamburgo receba efetivamente os meios pecuniários para este fim. Se não os receber, não será possível ajudar aos imigrantes. Eu interessarei o Sr. Cônsul e pedirei que me comunique imediatamente se obtiver boas notícias de seu governo e se conseguiu o dinheiro. Até que isto aconteça deverão esperar o tempo necessário que seja longo e se não obtiverem resposta

será o indício que o Cônsul não obteve resposta afirmativa de seu governo e em consequência não pode nem deve fazer nada. Devo ainda avisar a todos os interessados que não precipitem as coisas, é preciso esperar pacientemente, porque sem a devida segurança numa travessia do Atlântico e expondo-se ao perigo de chegar em terra e ser conduzido policiado novamente de retorno à Pátria seria encontrar-se em estado bem pior do que antes.

Nas atuais condições finan-

ceiras há pouca esperança que cheguem assinados fundos ao consulado para a emigração. Farei todavia o possível junto ao Ministro da Agricultura.

Finalmente peço que mande circular esta notícia junto as pessoas de seu país, recomendando-lhes a não molestar posteriormente a este consulado geral de Hamburgo, o que seria inútil, é preciso esperar com paciência as notícias que venham dar.

Dr. Hermann Blumenau Diretor.

"A VOZ CATÓLICA" (Trento)

Publicado em 29/10/1885.

Do Brasil

Em geral estamos todos contentes com a nossa sorte e bem poucos desejam voltar ao Tirol na Europa. Todos somente lamentamos que até agora não houve ainda um encontro decisivo com o Divino Mestre. As missas são muitas, mas quem as reza muito poucos

Nossa voz fina desaparece entre o vozerio da multidão e não foi ouvida até o presente momento, eis porque não temos aqui um padre de nossa nacionalidade. Em dez anos que estamos aqui mal sentimos o que é uma missa em dias de festa e aos domingos. Nem uma prédica ou uma doutrina de um sacerdote. Mas se nós escolhêssemos qualquer prédica ou lêssemos qualquer meditação ensinar a doutrina de nosso catecismo diocesano por um adulto o que seria fácil a um de nós.

**Assistir a um moribundo e dizer as sagradas palavras num enterro, tudo o nosso M. R. Pároco de Blumenau proibiu terminantemente mais ainda, proibiu qualquer cerimônia religiosa em casas PARTICULARES, disse ele que o bispo assim o ordenou.**

Nosso pároco de Blumenau vem regularmente de três em três meses e um terço de nossa população vai ao sacramento mas pode calcular que dois terços deixam de ir. Durante sete anos mais ou menos; nossa colônia era visitada pelo M.R. Padre Missionário da Companhia de Jesus e alguns dos nossos estão confusos dizem que a religião católica aqui é diferente daquela nossa, para sempre abandonada Tirol.

Vivemos distantes de Blu-

**KARSTEN** Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.



menau 56 km, mas de Nova Trento e da Casa das Missões cerca de 110 km, por isto ficamos tanto tempo sem receber o Sacramento. O M. M. R. R. Padre Missionário que visitava nosso vale voluntariamente até mais ou menos um ano atrás, foi proibido de continuar estas visitas por ordem de nosso pároco.

Para a missa que nosso pároco vem celebrar aqui em nossa capela pagamos 5 florins, mais 10 pela viagem sem contar a despesa do vinho. Um batizado custa cerca de 21/2 florins e um casamento 6 florins etc. etc. (De todas estas despesas tomamos nota e fomos conversar com a autoridade competente N. D. R.) Nosso governo divulgou uma emigração gratuita por toda colônia e que chamássemos parentes e amigos da Europa. Mas enquanto eles faziam os preparativos para viagem, o Governo suspendeu esta facilidade e assim deixaram de vir.

Verei se consigo descrever se isto o interessa, a posição geográfica de nosso vale, curiosa e abundante vegetação, sempre verde de nossa selva, a extravagante e múltipla espécie de animais e aves que temos aqui é totalmente diferente da Europa. Enfim a atmosfera que respiramos o que acontece e não acontece em nosso meio.

Mas o que mais nos preocupa e vai de boca em boca e consideramos a maior desgraça é não termos um sacerdote Tirolés diocesano nosso. Se tivéssemos a certeza de o ter um dia, estimularia as nossas vidas e tudo se tornaria mais belo e afortunado.

Queria escrever-lhe sobre o atual estado moral e físico de nossa população, os diferentes credos e a disciplina eclesiástica. A promessa do atual governo e administração de seus empregos os quais por pouca tradição e justiça como asseverou-me um etendiço, se divertem em amargar o mísero e o pobre. Em nosso Vale somos católicos e católicos de Trento, filhos do Grande Mártir S. Virgílio e vivendo neste lugar longínquo sem padre, sem justiça em meio a tantos liberais e nosso sonho como todos bons italianos presos as tradições fraternas da Europa, que nos estimulou e ajudou tanto nos fez sentir bem.

Para não cansá-lo termino esta aqui.

NE. Se a resposta a esta viesse logo e expressa, lhe rogariamos enviá-la como um pacote e nele fosse colocado por pequeno que fosse um padre que nós lhe agradeceríamos muitíssimo.

#### APENDICE 17/junho/1886

### A COLÔNIA BLUMENAU, NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA NO BRASIL

Que coisa mais absurda a nossa vinda e a de meus pais em princípios de 1848, abandonando para sempre o Tirol e a Itália e aventurasse conosco na profunda mata virgem do Brasil? Onde poderíamos ser picados por cobras venenosas atacados por tigres

selvagens e assassinados por bárbaros selvagens.

Estes meus pais que com tanta devoção e carinho haviam enfeitado a basílica e armado digão, ornado o altar com as belíssimas pinturas e estátuas, o santuário com lâmpadas e ouro e prata, fornecido o sacro vaso, a cruz e candelábricos, assistido a sacra pompa e ouvido a doce e melodiosa música daquele órgão sagrado. Eu pergunto-me como filho e choro o que os fez abandonar tudo pelo feroz rugido do tigre, o veneno das serpentes e negar-se a voltar e rever o belo céu sereno do Tirol e da Itália. Porque aqui podemos calcular que noventa dias temos tempo seco trinta dias céu nublado e chuva com temperatura úmida e 30 dias de tempo bonito, mas não havia um dia de serenidade perfeita. Não obstante que se vive quase sempre em solo úmido e quase sempre descalço, porque não se pode calçar nada, porque pela estrada se caminha sempre em fila abrindo picadas e se mora mal e se veste mal. Todavia nós nos sentíamos com bastante saúde, não havíamos adquirido doenças graves como na Europa. A malária é pouco diferente da nossa malta. A doença mais comum aqui eram dores pelo corpo todo enjôo fraqueza nas pernas mas não obrigava a ficar de cama, é de facto uma doença diária e só se cura no princípio, mas se a deixávamos avançar não demorava em voltar com ataques mais longos. Mesmo quando saímos ou saíamos bons com saúde sempre sofriamos qualquer coisa: um minúsculo inseto como um piolho, ficava preso nos nossos pés e era doloroso extraí-lo. Nuvens de

moscas, mosquitos, formigas, vespas e baratas penetravam por todas as frestas e paredes da casa. Uma pequena ferida devia ser tratada tão logo como uma grande se não o fosse se tornaria uma grande como uma mordida de fera e se não tivéssemos o pó branco que se chama mercúrio nós nos veríamos comidos e corroídos por vermes.

Agora falarei qualquer coisa sobre religião. Desde que deixamos a querida pátria o Tirol e a Itália, nos dez anos que estamos aqui mal e mal assistimos uma Santa Missa aos domingos, ou dia de festa. Mas um sacerdote uma espécie de pregador do evangelho, mais um instrutor na doutrina cristã e catecismo, leu uma pastorela e a Encíclica de nosso Sumo Pontífice. Numa visita de nosso atual pároco R. Sig. nos disse que tinha conseguido a Encíclica do Santo Padre e que nós não a deveríamos ler porque a mesma era de pregação protestante. Nós havíamos sobrevivido ao nosso medo pelos tigres, mordidas de serpentes, assassinatos pelos bugres, mas continuando as nossas tradições nacionais mesmo de modo rude, mas havíamos continuado unidos em nossa família.

Todos entraríamos na eternidade sem nenhum conforto sem nenhum consolo de Nossa Senhora de Chiesa. A nossa maior desgraça era de não termos um sacerdote de nossa nacionalidade italiana.

Nosso pároco M. M. de Blumenau, nos visita regularmente de três em três meses o nosso Vale dos Cedros e Rodeio e nós calculamos sua vinda pelo amadurecimento das frutas, a colheita do

milho o preparo da farinha do ano. Uma coisa nova para nós, já que não a conhecíamos pois não possuímos lá. Mas se não a tivéssemos morreríamos de fome, ela é muito importante para nossa sobrevivência. Tivemos um batizado, uma benção matrimonial, da última vez mas nenhuma morte porque não tivemos doença. Para aqueles que viajaram para o Brasil, diga-lhes que somos afortunados que temos um bom pároco que se contenta com pouco, ao contrário de tantos outros. O atual pároco é o Sig. Dom Gins. Maria Jacobs, é muito bom e fez tanta coisa com tanto prazer e boa vontade. Ficaríamos contentes e felizes se a S. Sede mandasse como Arcebispo de Pirigi di Francia, porque para nós ele o nosso atual pároco é o Arcebispo de Pirigi!

Um certo amigo meu que por certas razões não quer ser mencionado e como não quero comprometê-lo nesta carta pois ocupa um cargo importante aqui chamarei de "BARBA" simplesmente. Este homem tem cerca de 60 anos e goza da estima de quase todos os colonos italianos e tirolezes por sua devoção a S. Igreja, a S. Sede da Diocese Trentina, pelo zelo e glória a Deus. Contaram que o Barba viajou muito, fala muitas línguas e que era organista em certo estado, e que tinha vasto conhecimento como padre. Era amigo de um certo D. Guiseppe Gabari da Vezzano e muitos outros padres. Quando Barba devido a dificuldades financeiras resolveu transferir-se para o Brasil com sua numerosa família. Um venerável prelado de ....., no momento que o Bar-

ba beijava pela última vez a Santa destra, não queria falar em consolação e conforto desta grave e difícil empresa que era emigrar com uma tão numerosa família, o prelado lhe disse: Leve o livro da Glória de Maria, a consolação da boa morte de S. Alfonso M. de de Lugiori, o volume de catecismo de perseverança e nosso catecismo diocesano do culto católico. Envio ao Pároco de S. Leonardo do Porto Maurizio, a sua biblia e com estes livros vais encontrar e estar apto a ser o pároco de vosso vilarejo, e abençoando-o ainda disse recomendo-o e o abenço-o agora e peço a proteção divina para vós.

O Barba chegou felizmente bem com sua família e se estabeleceu em Cedros. Começou então em Cedros a construir aos poucos uma pequena capela paroquial e com toda sua família lá nós nos reuníamos todos os domingos e dias de festa, porque não havia até agora ninguém que dirigisse a cerimônia, ele o fazia quando então o começamos a chamar de padre, sem ele ter o direito a esta função. Lia em seu livro de pregação e dizia "Imaginemo-nos agora como se estivéssemos em nossa pátria e em presença de um sacerdote que está prestes a celebrar a Santa Missa", e chegando junto a mesa como se estivesse presente o sacerdote lia a Epístola, o Evangelho próprio da festa e o trecho do catecismo da própria como estava no seu catecismo do culto católico, escrito por nosso compatriota, Dom Cimadomo e impresso em Roveredo pelo Cura de Vescovo di Trento para o uso em escolas e famílias. Ainda lia, qual seria a meditação da hora da Boa Morte e prosse-

guia com o credo pelo restante da missa, exercia a função com alto apreço e segundo as normas e circunstâncias. Rezávamos a terça parte do rosário e a Leitura de Glória Maria etc... Assim continuou Barba durante um ano. Vizinho a capela dos Cedros, vivia e vive ainda um certo senhor Maestro que naquele tempo era mestre na escola vizinha em Pomerana. Ao retornar a sua colônia no vale dos Cedros, vendo o Barba preparar sozinho a mesa, o maestro entrou e pediu que lhe emprestasse o livro com o qual Barba sempre lia. Enfurecido atirou o velho Barba para um canto da sala levando-o ainda perante as autoridades. Desde então o pobre Barba não mais podia funcionar nesta capela. O Barba foi a procura do Maestro em Pomerana há cerca de um ano. A Pomerana não tinha a não ser uma velha capela com uma pequena cruz em cima. Consertaram a mesma e ergueram uma grande cruz no centro que

podia ser vista por todos no vilarejo. Uma delegação tão logo que o maestro agiu assim desta forma escreveu uma súplica direta ao pároco, mas quando esta lhe foi entregue o pároco a rasgou em mil pedaços e deixou bruscamente os que haviam trazido o pedido. O Pároco obstinadamente e categoricamente não permitiu que ali em Cedros se erguesse uma capela. Não se sabe porque motivo o maestro se opôs tanto, não se sabe se foi por inveja, ou ódio do Barba. Só se sabe que o maestro ameaçou prendê-lo em nome do Sig. pároco. E na primeira vez que o Barba foi confessar-se com o pároco este o chamou de revolucionário na crença a Jesus Cristo e o ameaçou de excomunhão e prisão, nem sequer o pobre Barba recebeu a Santa Comunhão, após o sacrificio Eucarístico. Foi tratado como um Letro como um Döllinger, mas ele logo foi a procura do Pároco de Brusque para uma reconciliação.

## APENDICE

### A COLONIA DE BLUMENAU, NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA — BRASIL

Neste meio tempo o Barba recebeu uma carta de sua pátria o Tirol com o seguinte teor: Aqui estamos todos com saúde, a vida passa discretamente e muito sentimos ao ler que estes cristãos que lá vivem não tem podido assistir a Santa Missa que vós celebravas em vossa capela junto a sua casa. Portanto continue a ser o missionário em sua casa, mesmo contra a vontade dos outros. É preciso não desanimar e continuar o seu destino a Jutiça

um dia será feita. Observe as datas festivas e não haja com desonestidade, pregue com muita devoção e seja devoto a Nossa Senhora e frequentemente leia a S. S. Sacramento. Deus estará convosco e o chamará contente na hora de vossa morte. O Barba depois do recebimento desta carta era chamado de quando em quando para um pequeno vilarejo, pertinho de Rodeio que fica mais de sete horas de distância, fazia a longa jornada sozinho. O maestro

estava sempre de olhos nele e quando voltava o denunciava ao pároco. O pároco intimou a delegação a não permitir que o Barba continuasse esta função sob pena de cometer um pecado mortal. Ao mesmo tempo mandou um decreto ao Barba no qual o proibia esta heresia que era contra a Santa Igreja, assim o tinha ordenado o Viscovo.

O Barba ia agora as escondidas, de contrabando como dizia, mas quando precisavam dele para assistir a um moribundo sempre ia. Ele hoje vive tranquilo na sua colônia. Já quatro colonos haviam iniciado a construir uma capela dedicada a S. Giuseppe, mas este maestro como o pároco não permitiram que a terminassem. No entanto o Barba continuava com outras famílias a frequentar a capela paroquial que ele montou em sua própria residência. O maestro porque não o via assistir as funções o acusou e o pároco disse que se ele não comparecesse lá, as funções do maestro cometia um pecado mortal. O Barba peca então se vai a capela, ainda que esta está em sua própria casa. Recordo que a capela do Crucificado deveria ser construída quando muitos se opuseram ao pároco e não permitiram que fosse feita. Outros colonos se obstinaram a fazê-la e isto resultou quase em desordens, ofensas litigiosas tanto do pároco com Creserotti. Estando os Creserotti contra o pároco e se a Província não tivesse enviado apressadamente um padre missionário poderia ter acontecido uma grande desgraça.

Por fim a maior parte dos colonos do nosso Vale foram também contra nós e mesmo contra a

amada Diocese de Trento. Mas ainda assim não desistimos do Santo Apóstolo. Veio então logo e a passos gigantes a indiferença e o liberalismo religioso. É difícil imaginar que o governo não favoreceria, nem protegeria as escolas.

Não havia nenhuma escola pública mas somente pequenas particulares. O pároco queria obrigar os pais a mandar seus filhos ao colégio de Blumenau, pelo menos por um ano e ameaçava caso não o fizessem não lhes daria a S. Comunhão. Mas isto era difícil quase impossível. Em nosso vale somente o Maestro de Cedros estava habilitado a ensinar a doutrina portanto não podiam ensinar nem os próprios pais, que seria fácil pois havia entre eles pessoas bem instruídas mesmo tão instruídas como acima citado maestro e todos nós também não iam à mesa da eucaristia.

Diziam que muitos emigrantes estavam em viagem e que mais de cinco mil estavam destinados a Blumenau e que os mesmos deveriam chegar de um dia para o outro. Diziam também que os emigrados viajavam gratuitamente do Rio de Janeiro para a colônia e que aqui estavam destinados a lavoura. Mas cerca de quarenta famílias não permaneceram mais de três meses e se transferiram para São Paulo. Perto de Rodeio chegaram famílias de viagem do Rio de Janeiro para a Colônia e eram destinados a lavoura, mas não tinham pago a dívida digo a devida cota e se não estivessem dispostos a ajudar os colonos deveriam partir novamente.

Um profundo abatimento se apossou dos recém-vindos, liberais e conservadores. Agora os depu-

tados de acordo com o código da lei e não se sabe se a partida seria favorável aos colonos ou aos emigrados.

Por enquanto a emigração gratuita governativa está definitivamente suspensa e aqueles que queriam vir deveriam eles mesmos pagar a viagem de Genova ao Rio de Janeiro. De cujo Porto em diante as despesas correriam por conta do Governo que os conduzirá para a Colônia, nas imediações de S. Catarina, mas não se sabe ainda ao certo disseram que engenheiros, no prazo de sete semanas construiriam uma casa em Blumenau para acolhê-los mas nada ainda se ouviu falar oficialmente.

Dizem que no Paraná e Rio Grande está sendo trabalhado a lavoura agora e todos esperam ser transportados para cá em breve.

A administração da Justiça em Blumenau podia dizer como foi no Tirol no tempo Medieval, onde não havia pagamento e terra também não. Nela acontecia exploração, roubo, violência e injustiça, não havia uma mísera moeda para custear um passo para a vizinhança. Faziam o senso e a avaliação e quando de fato era um ano de colheita ruim de quem era a culpa?

Sua Magestade, nosso Imperador D. Pedro II dizem que é um boníssimo Imperador, mas o que adiantou se seus ministros não o consultam?

Nós tirolezes e muitos italianos que estamos no Brasil foi uma ordem geral como foi dito pelo grande senhor em Desterro, porque o Papa é italiano e havia intercedido por nós. Este concei-

to tem os brasileiros dos italianos. O Barba disse que a raça Tirolesa (trentina) se confronta com a outra, é muito instruída muito corajosa e muito mais trabalhadora do que qualquer outra nacionalidade que atualmente se encontra em Blumenau. E mais, porque os tirolezes não incorrem no velho pecado de mudar seu estilo de vida. Hoje 15 ou 20 famílias formam uma comunidade. É a razão principal por não estarmos todos unidos é fundar escolas e muitos deles fazem um esforço exclusivo para a estabilização de um sacerdote.

Todos concordamos, nas escolas o padre na própria colônia, pois todos somos da mesma religião. Ainda que haja grandes porções de terra e a minha colônia é muito boa, há muita miséria. O Caso referente as missas é uma delas os trabalhadores são poucos, patrões e empregados trabalham em conjunto. Imploro a meu muito amado M. Rev. que permita por caridade que enviem para nós o altar e permita a todo sacerdote amigo seu pregar aqui e faça com ele escolha para nós um bom sacerdote, ou mesmo que venha um padre missionário como havíamos avisado que viria um pela S. S. festa da Páscoa.

Para escrever-lhe toda a história como desejaria deveria empregar muito tempo e muita carta. A parte principal seria sobre a parte religiosa, mas tão cedo não poderei fazê-lo. Mas na esperança de que ela será paga em breve, agora é somente este pouco que posso escrever-lhes.

Me despeço obsequiosamente e afetuosamente

Curuziano A.M.

# AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

ENSAIO — Merece destaque o ensaio de autoria da Prof<sup>a</sup>. Marita Deeke Sasse, publicado na "Revista de Divulgação Cultural — FURB" (número 24, dezembro de 1984), sob o título de "O poema-minuto oswaldino". Em cerca de trinta páginas bem estruturadas e suostanciosas, ela analisa a poética dessa figura incrível que foi um dos líderes do Movimento Modernista, desvendando o seu processo de criação, discutindo a sua técnica e examinando suas fontes inspiradoras, decompondo seus versos. Baseada em boa bibliografia, a autora revela conhecimento da matéria e seu ensaio contém informações interessantes a respeito desse modernista sempre citado mas tão pouco lido. "Oswald de Andrade nasceu poeta e teve a coragem de sê-lo. Foi uma experiência incomparável e valiosa conhecê-lo e compreendê-lo" — diz ela no fecho de seu trabalho. É mais uma contribuição para o conhecimento mais perfeito do criador da "Poesia Pau Brasil" cuja biografia foi publicada em pequeno livro pela Editora Brasiliense, na coleção Encontro Radical. E quanto à revista, seja lícito dizer que esse ensaio a salvou do vazio total no terreno das letras.

A ILHA — Está circulando mais um número da revista "A Ilha" (número 15, dezembro de 1984), suplemento literário publicado em São Francisco do Sul e que tem como editor o escritor Luiz Carlos Amorim. Uma publicação que vem resistindo aos tempos bicudos graças ao empenho de seu editor, a pequena revista já é muito conhecida nas fronteiras estaduais e vem merecendo referências frequentes fora delas. Nesta edição aparecem poemas, crônicas, contos e notas críticas de inúmeros autores, inclusive de outros Estados.

POEMARTE — Também está nas ruas mais um número da revista "Poemarte" (número 3, dezembro de 1984), editada pelo Grupo Poemarte, de Joinville. Com o objetivo de criar um novo espaço para a poesia, o ativo Grupo mantém o varal de poesia (que muda sempre de local), faz recitais poéticos e realiza encontros periódicos para debates e troca de experiência em local concedido pela Casa da Cultura daquela cidade, além de editar a revista, agora com uma tiragem de mil exemplares. Este número publica poemas de Dunia de Freitas, Darci Nogueira, Mila Ramos, Júnior, Luiz Saulo Adami, Savagé, Erna Pidner, Gislaine Elling, Rita de Cássia Alves e muitos outros.

ARQUIVO PÚBLICO — O Arquivo Público do Estado, que tem na direção o escritor Iaponan Soares, acaba de publicar o opúsculo "Sesmarias concedidas por Manoel Escudeiro Ferreira de Souza — 1753", integrando a coleção José Arthur Boiteux. É um levantamento histórico das doações feitas por esse Governador aos casais de colonos aqui aportados, quer na Ilha de Santa Catarina, quer em "ter-

ra firme". Extraído de documentação autêntica, a publicação tem nota explicativa de Walter F. Piazza, e está escrita no linguajar empolado mas saboroso daqueles tempos de antanho.

**O GOLPE DO SILÊNCIO** — O jornalista Moacir Pereira lançou em Blumenau, no **hall** da FURB, no último mês de dezembro o livro "O Golpe de Silêncio" (Global Editora — S. Paulo — 1984). Trata-se de um meticuloso trabalho jornalístico a respeito de episódio bastante recente mas já histórico de nossa vida institucional: a censura imposta durante a votação da Emenda Dante de Oliveira para a implantação imediata de eleições diretas. O autor, tendo acompanhado os fatos diretamente de Brasília, em cobertura para a nossa imprensa, investigou-os em profundidade, coligindo documentos, notícias e opiniões para reconstruir aqueles dias tormentosos sem o afogadilho dos periódicos e extrair deles uma interpretação correta cujos ensinamentos sirvam num futuro onde buscaremos nossa afirmação democrática. Escrito em linguagem límpida e direta, o livro atingiu plenamente seus objetivos, revelando um analista perspicaz na penetração e seguro na interpretação de acontecimentos tão céleres e confusos. É um trabalho que confirma sua elevada consciência profissional.

**UMA EXPERIÊNCIA** — O pesquisador Nilson Thomé, contando com o apoio da FEARPE e de empresas locais, realiza em Caçador uma experiência curiosa, destinada a levar a leitura ao povo. Abordando temas locais de interesse geral, ele tem escrito pequenos ensaios (históricos, antropológicos, sociológicos, biológicos, etc) que são publicados em opúsculos e distribuídos gratuitamente em locais de concentração popular. Embora já se tenha dito, em relação a experiências semelhantes, inclusive com jornais de livre distribuição, que elas não funcionam em virtude da tendência de não se valorizar aquilo que é dado, num país que não lê e num Estado que quase nem livrarias possui, parece-me válida e meritória a tentativa de Thomé. Espero que tenha os melhores resultados, ainda que contrariando os céticos. Mais vale fazer alguma coisa do que ficar lamentando porque nada é feito.

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista



— DIA 1º. — No Auditório Maestro Heinz Geyer, Teatro Carlos Gomes, o Conjunto Vocal "Camerata Vocale" fez mais uma de suas notáveis apresentações, como sendo a última do corrente ano, perante numerosa platéia.

\*

DIA 2 — Com a presença do Prefeito Dalto dos Reis e outras autoridades do Município, assim como numerosos convidados, foi realizada a solenidade de inauguração das obras do Hospital Santo Antônio, que então passou a atender no anterior Hospital Infantil, capacitando-se a acolher enfermos em leitos modermente instalados e quartos muito bem aparelhados. Na mesma ocasião, foi reaberta a capela que se localiza no antigo prédio do hospital, agora já perfeitamente restaurada dos estragos sofridos com a enchente de 1983.

\*

DIA 3 — A partir deste dia, foi aberta ao público, no Terminal Rodoviário Hercílio Deeke, a exposição do V Concurso Fotográfico "Meio Ambiente Catarinense", cujo evento mostrou 189 fotografias classificadas no referido Concurso realizado no mês de julho último.

\*

DIA 4 — Neste dia, 150 alunas formadas nos cursos pré-profissionalizantes ministrados pelo centros sociais da prefeitura, região de Itoupava, receberam seus diplomas em solenidade presidida pelo prefeito Dalto dos Reis.

\*

DIA 4 — Na Secretaria de Educação do município, realizou-se ato solene de entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso "É Natal em Blumenau", promovido pela Prefeitura através daquela Secretaria. Na categoria "Ilustração", foram vencedores os alunos: Rogério Vavassori, Tânia Mara Alves e Valdir Michel. As alunas Mara Lúcia Pabst, Marinês Philips e Elisabet Rechemberg ficaram classificadas na categoria "Mensagem". Os vencedores receberam como prêmios, livros de literatura infantil e jogos recreativos.

\*

DIA 4 — Neste dia o prefeito Dalto dos Reis inaugurou a esquadria da ponte ferroviária localizada próxima à Sul Fabril, com o que propiciou melhores condições de locomoção aos pedestres que demandam das duas margens do rio Itajaí naquelas proximidades.

\*

DIA 4 — Com uma atraente exposição de trabalhos, a Escolinha de Artes mantida pela Prefeitura encerrou as atividades de 1984 e abriu matrículas para o amplo serviço de 1985.

DIA 4 — Neste dia a imprensa blumenauense (JSC) divulgou detalhes dos festejos que marcaram, na sua numerosa família, a passagem dos 105 anos de vida do cidadão Joseph Kuhnen. Nascido no

município de Santo Amaro, descendente dos pioneiros que colonizaram aquela região, Joseph Kuhnem reside em Blumenau há muitos anos. Por ocasião do seu aniversário ocorrido dia 30 de novembro último (30/11/1879), ele viu-se cercado do carinho de seus numerosos descendentes, que somam o seguinte: 9 filhos, dos quais dois já são falecidos, 70 netos, 144 bisnetos e 12 tataranetos.

\*

DIA 8 — Às 17,30 horas o prefeito Dalto dos Reis, acompanhado de seu secretariado e na presença de numeroso público inaugurou dois pontilhões da rua Progresso que muita falta estava fazendo à população das adjacências, por terem sido destruídos pelas últimas enxurradas.

\*

DIA 9 — No populoso bairro Água Verde, foi inaugurada a quadra de esportes da Escola Básica "Prof. Oscar Umbenhau". O acontecimento foi festivo e efetivou-se com a realização de um torneio de futebol de salão, tendo o próprio prefeito Dalto dos Reis participado de uma das equipes que disputaram o troféu.

\*

DIA 11 — Em solenidade realizada no trevo situado nas proximidades da firma Tabacos Brasileiros Ltda., em Salto do Norte foi inaugurado o primeiro trecho asfaltado, de 17 quilômetros, da rodovia Blumenau-Navegantes.

\*

DIA 14 — "Um expressivo auxílio à Prefeitura de Blumenau", disse o prefeito Dalto dos Reis ao inaugurar, na prefeitura, o Centro de Processamento de Dados, que passou a funcionar em caráter definitivo logo em seguida, com todos os serviços até então feitos na CETIL para a Prefeitura.

\*

DIA 16 — Foi oficialmente inaugurada a nova ponte "José Rolenski", situada na rua Progresso, sobre o ribeirão Garcia. Fazia um ano e três dias que aquela obra de arte havia sido destruída pela violência das águas e entulhos trazidos pelo ribeirão Garcia, por ocasião de violento temporal. Agora a ponte voltou a servir à numerosa população do bairro, que aconteceu em massa, cerca de quinhentas pessoas, que estiveram presenciando o ato de inauguração presidido pelo prefeito Dalto dos Reis, o qual, aos poucos vai recupe-

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

rando o município dos imensos prejuízos sofridos com tantas enxurradas e duas grandes enchentes desde que assumiu o governo blumenauense. Mas, com coragem e perseverança, o jovem prefeito vai colocando as obras em dia a favor do povo

A ponte possui 25 metros de vão livre, bastante alta e livre de qualquer outra ameaça. Nela foram aplicados 200 milhões de cruzeiros.

\*

DIA 18 — Vítima de um problema cardíaco, faleceu em Florianópolis o Desembargador Ary Oliveira, pessoa vastamente conhecida e relacionada em Blumenau, aonde exerceu, durante vários anos, o cargo de Juiz de Direito da Comarca. Mais tarde foi promovido a Desembargador, tendo inclusive ocupado o cargo de Presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Ao Falecer, contava 70 anos de idade. Deixou esposa e seis filhos. Seu sepultamento deu-se no cemitério de Itacorubi às 17 horas do dia seguinte, com grande acompanhamento.

\*

DIA 18 — Neste dia a prefeitura de Blumenau, através da Assessoria Especial do Meio Ambiente, iniciou o trabalho de plantio de duas mil mudas de árvores ao longo das margens do ribeirão da Velha, visando com isso recuperar aquelas margens danificadas com a dragagem e para evitar erosões futuras e o conseqüente assoreamento do ribeirão.

\*

— DIA 20 — No hall da FURB, realizou-se a solenidade do lançamento do livro do jornalista Moacir Pereira "O Golpe do Silêncio", cujo acontecimento contou com grande número de pessoas.

\*

— DIA 23 — Quando taxiava em direção à pista de decolagem do aeroporto Quero-Quero, na Itoupava Central, o avião bi-motor "Xingu II", de propriedade das Lojas Americanas, sofreu um ligeiro acidente: o trem de aterrissagem do lado esquerdo do avião atolou no terreno amolecido e parou. Foi preciso algum trabalho para desimpedir o aparelho para que pudesse levantar vôo. Motivo do acidente: o mau estado da pista auxiliar de taxiamento. Problema que aguarda solução há muito tempo e que agora talvez se apresse.

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

# Subsídios à Crônica de Blumenau

(Tradução de Edite Eimer)

N.º 39

"BLUMENAUER ZEITUNG"

ano 02

Redator chefe — Anton Härtel

Responsável — Hermann Baumgarten

Blumenau, 23 de setembro de 1882.

NOTÍCIAS: Uma epidemia de varíola, que primeiro julgávamos insignificante, agravou-se nos últimos dias, enlutando também o lar do redator chefe deste jornal, que perdeu um filho, vítima desta doença. Na semana passada o colono Zülow, perdeu também dois filhos. E na família Härtel, mais sete pessoas estão acamadas, vítimas deste mal.

Uma comissão sanitária foi nomeada para tomar providências; é somente lamentável que esta comissão foi informada por elementos de má fé, dizendo que aqui não havia nenhuma epidemia e as crianças atacadas pelo mal pertenciam à famílias abastadas, mas crianças pobres até agora, não foram vítimas deste mal.

Mesmo que esta comissão considera o surto, não epidêmico, na falta dos devidos cuidados, facilmente poderá tomar este aspecto.

N.º 21

"BLUMENAUER ZEITUNG"

ano 04

Blumenau, sábado 24 de Maio de 1884.

Recebemos do "Centro Abolicionista da Escola Polytechnica" um apelo a todas as escolas do Império, no qual professores e alunos são convocados a se unir ao "Movimento Abolicionista".

N.º 5

BLUMENAUER ZEITUNG

ano 04

Blumenau, 02 de fevereiro de 1884.

ATENÇÃO

Da Cia. Central de Emigração no Rio de Janeiro, fomos incumbidos com a fundação de uma "Sociedade Ramificadora" em nossa colônia. Razão porque nos dirigimos a todos os que tem vivo interesse no futuro de nossa colônia em auxiliar-nos na formação da mesma. Dirigir com rumos certos a emigração européia para o Brasil e auxiliar a mesma, será o objetivo desta sociedade. Em primeiro lugar as colônias alemãs já existentes, seriam beneficiadas e pelas quais a Cia. Central sempre se interessou vivamente. Contamos portanto com a presença de todos os interessados para uma reunião no dia 10 de fevereiro às 9 horas no Salão de J. Baumgarten.

Ass.: L. Sachtleben

H. Watson

N.º 9

BLUMENAUER ZEITUNG

ano 4

Blumenau, 01 de Março de 1884.

COMO O BRASIL HONRA!

Dr. Fritz Müller — nosso famoso conterrâneo, que Universida-

des, Sociedades Naturalistas — e em tempo recente ainda a “Imperial Academia Alemã Leopoldinense” elegeu seu sócio honorário, cujos trabalhos imorredouros foram incluídos nos sucessos das últimas décadas; que Darwin denominou-o “Príncipe dos Sábios”, foi demitido, por razões econômicas, de seu cargo de colecionador e cooperador do “Museu Imperial do Rio de Janeiro”. Um cargo que já ocupava há muitos anos e ao qual serviu com dedicação, sendo um homem de caráter como é, firme e inquebrantável, cujo valor foi reconhecido pelo próprio museu, até que, motivos econômicos do Império causaram sua demissão.

Com a idade de 63 anos, Dr. Fritz Müller se vê agora, na necessidade, como colono, com suas próprias mãos trabalhar a terra para o sustento de sua própria família. Ele que dedicou seus melhores anos de vida ao país que escolheu com sua segunda Pátria, à qual serviu como professor e estimulador do Instituto Naturalista. Acreditamos que os círculos de pesquisas naturalistas, ao saber do que aconteceu ao ilustre sábio, se empenharão em abrir novos caminhos para a divulgação condigna de suas pesquisas e obras.

---

Nº 13

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 4

---

Blumenau, sábado, 29 de Março de 1884.

Rio de Janeiro: A “Sociedade Central de Emigração” enviou ao Ministério da Agricultura, uma carta de protesto pela — revoltante — demissão ocorrida com Dr. Fritz Müller. A carta diz entre outras: “Dr. Fritz Müller ocupa entre os sábios, uma posição tão relevante e seu trabalho tanto benefício trouxe ao país, que teria sido uma honra para o Brasil continuar a pagar-lhe o insignificante ordenado ao qual faz juz.”

“É quase impossível acreditar que um governo liberal tão incapaz como o de agora, assume um erro tão grande e vergonhoso (Dr. Fritz Müller é cidadão brasileiro naturalizado). Muitos países se sentiriam honrados em tê-lo como cidadão. E contra um homem como este se age desta forma desconsiderada, rebaixando-o como um funcionário subalterno qualquer”. (Retirado do Jornal Germânia).

Neste meio tempo, as autoridades, procuram tomar posição, desculpando-se e dizem que a demissão foi um lamentável engano (!) e disfarçam assim esta situação embaraçosa.

---

Nº 2

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 5

---

Blumenau, sábado, 10 de janeiro de 1885.

Extraímos do “Germânia” de São Paulo o seguinte artigo: “Dr. Fritz Müller, há anos residente em Blumenau, o conhecido sábio naturalista é uma reconhecida autoridade no mundo científico europeu.

<p><b>CREMER</b> Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.</p>
---

Também no Brasil, Governo e sábios, terra e povo, reconheceram o valor deste homem. Somente um inimigo fervoroso, Dr. Fritz Müller tem, e este, se encontra em Blumenau mesmo, é o "Immigrant", nosso prezado colega de imprensa, que se esforça, com um "jornaleco", desacreditar este ilustre homem. Agora todos sabemos, que Dr. Fritz Müller recebe do Museu Imperial do Rio de Janeiro, uma soma insignificante para a continuação de seus estudos, coleções e pesquisas. Nos últimos números deste jornal, que nos foram enviados, parece que o "Immigrant" quer denunciar Dr. Fritz Müller de alta traição para com o liberalismo, junto ao Governo Dantas. Dr. Fritz Müller cometeu o terrível crime de, nas eleições de dezembro, votar contra o candidato liberal Duarte P. Schutel e deu seu voto a Taunay. O "Immigrant" é de opinião que um funcionário "que come o pão do governo liberal (sic!)" não deveria votar contra o candidato do mesmo. O jornal no entanto esqueceu que Dr. Fritz Müller, não é funcionário, mas sim, um homem livre, como sábio, e ter este homem a seu serviço representa uma honra para o Império, um homem que divulgou o Brasil na Europa mais do que qualquer outro sábio ou escritor."

## Comissão de Construção esteve reunida

No dia 9 do corrente mês, realizou-se a primeira reunião da Comissão de Construção que vai supervisionar o andamento das obras de construção do prédio destinado a abrigar a Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e o Arquivo Histórico "Prof. J. Ferreira da Silva". O projeto arquitetônico foi elaborado pela firma Lindner, Herwig Shimizu, enquanto que os cálculos estruturais ficaram a cargo da firma Construtora Stein Ltda. Além destas, outras medidas foram adotadas pela Comissão para que, a partir do mês de fevereiro, as obras de construção passam ser iniciadas. A Construtora Stein Ltda. encarregou-se inclusive de todo o levantamento das condições do alicerce que, segundo conclusões poderá suportar um prédio de até quatro pavimentos, sendo portando mais que suficiente para o suporte dos dois pavimentos projetados. Como se sabe, o piso da futura área destinada à Biblioteca, que ocupará o andar térreo, ficará na quota de 16 metros sobre o nível do rio Itajaí, portanto livre de qualquer problema de enchente. O Arquivo ocupará o andar superior.

O prefeito Dalto dos Reis, ao transferir o cargo ao vice-prefeito Paulo Baier, comunicou à direção executiva desta Fundação que poderá contar com o inteiro apoio da municipalidade, que inclusive participará financeiramente do empreendimento, indo assim ao encontro não só das aspirações do atual Conselho Curador por ele nomeado, mas também em apoio às empresas que estão assumindo o encargo financeiro maior de erguer o prédio destinado à preservação da cultura e da história de nossa comunidade.

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering  
BLUMENAU - SANTA CATARINA